

O CIRCUITO INFERIOR DE PRODUÇÃO NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO: elementos para o debate do *território usado*¹

Silvana Cristina da Silva

Doutoranda em Geografia - IG/UNICAMP
silvana.silva@ige.unicamp.br

RESUMO

Para a compreensão do *território usado* faz-se necessário pensá-lo a partir dos lugares. Esses são expressão de como as materialidades de tempos pretéritos condicionam as ações do presente em um movimento contraditório, intenso e dinâmico, revelando a *vida de relações* do cotidiano vivido. A metrópole de São Paulo apresenta uma complexa superposição de divisões territoriais do trabalho do passado que são renovadas, segundo as variáveis do presente. A análise do circuito espacial de produção de confecção indica uma enorme quantidade de agentes que *usam* a cidade e criam a sua própria forma de extração de renda. Apresentamos um mapeamento desses agentes que encontram na metrópole o abrigo às suas necessidades, sobretudo encontram abrigo no circuito inferior da economia urbana, que se concentram em áreas do meio construído tornados desinteressantes para as economias do circuito superior.

Palavras-chave: circuito inferior, território usado, circuito espacial de produção, São Paulo

THE LOWER CIRCUIT OF PRODUCTION IN THE METROPOLIS OF SÃO PAULO: ELEMENTS FOR DISCUSSION OF THE *TERRITORY USED*

ABSTRACT

To understand the territory used it is necessary to think of it from places. These are an expression of how the materiality of past times conditions the actions of the present in a contradictory, intense and dynamic movement, revealing the life of relationships of everyday experiences. The metropolis of São Paulo exhibits complex overlapping of territorial divisions of work from the past that are renewed, according to the variables of the present. The analysis of the spatial circuit of production of ready-to-wear clothes indicates an enormous quantity of agents that use the city and create their own income extraction method. We present a mapping of these agents that encounter in the metropolis a refuge for their needs, particularly in the lower circuit of the urban economy, which concentrate in areas of the built-up environment rendered uninteresting to the economies from the upper circuit.

Keywords: lower circuit, territory used, spatial circuit of production, São Paulo

INTRODUÇÃO

Segundo Santos e Silveira (2001), a Geografia deve analisar as técnicas, as normas e as ações em uma busca de respostas à constituição do território e seus usos. Assumindo essa perspectiva sobre o compromisso da Geografia, esse artigo objetiva-se explicar os usos do território a partir de um lugar, uma vez que o *território usado* pode ser compreendido a partir da análise desse recorte. O movimento do conjunto, quantitativo e qualitativo, dos objetos e das ações vai se dando contraditoriamente e distintamente em cada lugar. No entanto, esse

Recebido em 01/04/2011

Aprovado para publicação em 21/03/2012

¹ Pesquisa de doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

movimento constante apresenta-se diferenciado no território, por isso o lugar oferece a possibilidade, ou não, da efetivação de determinados usos. Mais que desvendar o território usado, Silveira (2008) ressalta a necessidade de explicar o território sendo usado, destacando a atualidade em processo de totalização.

A leitura geográfica da divisão territorial do trabalho encontra na categoria circuito espacial de produção importantes aportes, pois essa permite a identificação dos agentes que animam a produção, a circulação, o comércio e o consumo. Dessa forma, identificam-se as materialidades e as ações no território, entendido como um híbrido de formas, normas, cultura, ações, em um movimento dinâmico e inacabado (SILVEIRA, 2008).

O meio *técnico-científico-informacional*, a cara geográfica do processo de globalização (SANTOS, 2002), exigiu atualização das categorias analíticas da geografia. No período da globalização a *vida de relações*² (GEORGE, 1968) extrapola os limites da cidade, do município e do território nacional. “As mudanças que o território vai conhecendo, nas formas de sua organização, acabam por invalidar os conceitos herdados do passado e a obrigar a renovação das categorias de análise.” (SANTOS, 1988, p.17).

A categoria circuito espacial de produção e seus respectivos círculos de cooperação (SANTOS, 1977, 1986, 1988, 2004; MORAES, 1991; SANTOS E SILVEIRA, 2001; CASTILLO, 2005, SILVEIRA, 2010), apresenta-se pertinente porque possibilita a captação do movimento das relações, que não são apenas econômicas, mas políticas, sociais e territoriais. Além disso, o circuito espacial de produção pode ser dividido analiticamente em circuito superior e o inferior (SANTOS, 2004), pois ao que parece há uma sinonímia no sentido uso da noção de circuitos (CASTILLO, 2005). Utilizamos a categoria analítica circuito espacial de produção operacionalizando a por meio do estudo do circuito espacial de produção de confecções na metrópole de São Paulo.

O circuito espacial de produção de confecções da cidade de São Paulo, analisada sob a ótica da teoria dos dois circuitos da economia urbana – circuito inferior e superior – oferecem elementos explicativos ao *território usado*, mostrando que os agentes “invisíveis” da cidade são produtores da mesma e complementam os circuitos modernos. Isto é, a modernização das atividades produtivas, incluindo a de produção de vestuário, possui uma interdependência com as atividades econômicas não-modernas. Nossa análise mostra que na verdade, em grande medida, houve uma especialização dos agentes dentro do circuito espacial de produção. De um lado, as atividades de desenvolvimento de tecnologia, *design*, logística, publicidade e comercialização couberam as grandes empresas; por outro lado, as atividades de produção, sobretudo as de costura, couberam às pequenas oficinas, que muitas vezes empregam poucas pessoas, mas que existem em grandes quantidades, sendo de fato responsáveis pela execução da produção.

Segue alguns resultados da pesquisa sobre os agentes que usam a metrópole de São Paulo segundo a perspectiva do *abrigo* e não de *recurso* (GOTTMANN, 1975; SANTOS, 1997). Além disso, elencamos alguns pontos a serem considerados para um planejamento holístico sobre a cidade, que considere esses agentes, não como obstáculos à modernização, mas sim como parte dela, logo, há que se criarem mecanismos de compreensão e inclusão desses agentes na agenda pública do planejamento.

Apresentamos em um primeiro momento do artigo nosso referencial teórico para a análise da metrópole. No segundo momento do texto realizamos uma breve história territorial da metrópole, focando o nascimento da especialização produtiva na atividade de confecção do Brás e Bom Retiro. No terceiro momento do texto apresentamos nossa análise empírica do circuito espacial de produção de confecções e no quarto momento esboçamos algumas considerações com base nos resultados obtidos, tentando evidenciar que a cidade tem um funcionamento único e as atividades modernas e não-modernas intersectam-se no cotidiano da metrópole.

² A *vida de relações* refere-se à união orgânica que ocorre em um grupo de indivíduos em um dado lugar. O conceito de “vida de relações” foi cunhado por P. George (1968) para referir-se às solidariedades internas aos lugares.

O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO: UMA FORMA DE ANÁLISE DA COMPLEXIDADE DA METRÓPOLE

Inspirada nos trabalhos de Marx, especialmente no capítulo “Introdução à crítica da economia política” (MARX, 1983), a categoria circuito espacial de produção permite uma leitura geográfica da divisão do trabalho. Sônia Barrios e Alejandro Rofman, com o projeto “MOVEN: Metodologia para Diagnóstico Regional” do Centro de Estudios Regionales (CENDES) da Universidade Central da Venezuela, foram os precursores da teoria dos circuitos espaciais (MORAES, 1991). No Brasil, Milton Santos (1977, 1986, 1988, 2004) foi o principal interlocutor dessa categoria, refinando e operacionalizando a para o entendimento da divisão territorial do trabalho em um país de Terceiro Mundo.

Os circuitos espaciais da produção configuram-se em circuitos da acumulação e estruturam-se a partir de uma atividade produtiva inicial e compreendem uma série de etapas do processo de transformação pelas quais um produto passa até chegar ao consumo final - produção, distribuição, comércio e consumo final (BARRIOS, 1978 *apud* SANTOS, 1986). Os círculos de cooperação representam os fluxos materiais e imateriais que permeiam as etapas do processo produtivo, mobilizando uma infinidade de agentes para a realização da produção. Empiricamente verificamos que o circuito espacial de produção de confecções na cidade de São Paulo apresenta as etapas da produção, distribuição e comércio concentrados no Bairro do Brás e Bom Retiro e o consumo ganha dimensões nacionais ou mesmo internacionais. Os círculos de cooperação tornam-se amplos, mesmo em um circuito que é aparentemente “local”.

O circuito espacial de produção permite a identificação de agentes responsáveis pelos diferentes usos do território. A metrópole de São Paulo apresenta-se como um caleidoscópio de usos distintos das materialidades pré-existentes. Algumas atividades, como a de confecção de roupas, encontraram abrigo em determinadas áreas da cidade. Áreas industriais deterioradas como o Brás e Bom Retiro foram re-significadas, agora se tornaram área comercial de extrema especialização, acolhendo desde grandes centros comerciais do vestuário do circuito superior até atividades de fabricação de confecção (oficinas de costura) caracterizadas como *circuito inferior* (SANTOS, 2004).

Em cada etapa da *circularidade* do circuito observa-se que existe a presença ora de agentes do circuito superior, ora do inferior. No Quadro 01 apresentamos uma caracterização geral dos dois circuitos da economia urbana. Sob essa noção trabalhamos o circuito espacial de produção de confecções na cidade de São Paulo.

Quadro 01: Caracterização geral dos dois circuitos da economia urbana

Circuito Superior	Circuito Inferior
Atividades modernas (inovações tecnológicas)	Reutilização de material para processo produtivo
Capital intensivo	Trabalho intensivo
Assalariamento dominante	Flexibilidade das relações “salariais”
Produção em grande escala	Pequena quantidade em cada estabelecimento produtivo
Acesso ao crédito	Crédito bancário restrito ou nulo
Relações com os clientes institucionalizadas	Relações com a clientela personalizadas
Apoio institucional	Apoio institucional quase nulo
Dependência com o exterior	Dependência do mercado interno

Fonte: Adaptado de Santos (2004); Organização da autora.

Com base em Santos (2004), definimos o circuito superior como aquelas atividades da economia urbana que utiliza e produz alta tecnologia, ou seja, o processo de inovação é inerente ao ciclo produtivo das empresas do circuito superior, pois é a inovação que garantirá os crescentes lucros e o monopólio de mercado a estas empresas. Além disso, as atividades do circuito superior definem-se pelo uso de capital intensivo, pelo apoio institucional e acesso ao crédito e por conter relações de trabalho baseadas no assalariamento e também apresenta certa dependência do mercado exterior.

Em contrapartida, o circuito inferior tem como base de sua organização o uso de trabalho intensivo e utiliza, na maioria das vezes, a tecnologia que já não é mais útil aos agentes do circuito superior, ou mesmo executa funções que o circuito superior considera desinteressantes (onerosas e que agregam pouco valor ao produto). O circuito inferior possui relações salariais flexíveis, em geral, não tem apoio institucional ou mesmo acesso ao crédito bancário. As relações entre os agentes e os clientes do circuito inferior são personalizadas e a dependência do mercado interno é dominante.

A informação hegemônica, imposta pelas grandes “indústrias” de confecções, coexiste com a informação usada como resistência dos micro-circuitos das confecções, que abriga grande volume de mão-de-obra. A cidade de São Paulo torna-se, assim, um centro informacional, dada sua capacidade de produção, organização, distribuição da informação hegemônica (SILVA, A. M. B., 2001) e, ao mesmo tempo, torna-se centro do uso da informação contra-hegemônica, assim como amplia seu papel via circuito inferior na América do Sul.

O crescimento do número de peruanos, paraguaios e, destacadamente, bolivianos trabalhando nas atividades de confecções, comércio e artesanato do circuito inferior em São Paulo revela que esta cidade, além de centro da informação moderna, vem se constituindo em um centro polarizador do uso da informação como sobrevivência/resistência não apenas local, mas regional.

Os lugares acolhem os circuitos produtivos de forma diferente, sendo que há a formação de áreas especializadas em fases específicas da produção. Não obstante, dentro do sistema urbano é possível encontrar uma divisão entre as etapas produtivas modernas e altamente sofisticadas e as etapas produtivas que demandam mão-de-obra intensiva e poucas informações modernas, ainda que esses sistemas se integrem em um movimento complexo e complementar.

Desse modo, verificamos que, por um lado, a cidade de São Paulo transformou-se em *recurso* para as grandes corporações do circuito superior da economia mundial. No entanto, por outro lado, a cidade também se tornou *abrigo*³ para as atividades do circuito inferior, responsável pela sobrevivência de grande parte da população que não consegue acessar o trabalho e os produtos da economia superior. A expansão do circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo é evidente em algumas áreas. Áreas estas que foram tornadas obsoletas para as novas atividades, mas que se tornaram *economias de aglomerações* profícuas ao desenvolvimento de atividades associadas ao circuito inferior, sobretudo ao comércio e aos serviços, sem excluir as atividades de fabricação como as oficinas de costura do Brás e Bom Retiro. Nas palavras de Silveira (2010, p. 12):

Num período que privilegia uma geografia de pontos e a extrema racionalização da economia e do território, o circuito superior renova, sobre a base da técnica da informação, sua capacidade de macro-organização do território, enquanto o circuito inferior contribui para criar, espontaneamente, economias de aglomeração. De certo modo, graças à contigüidade, à soma de suas ofertas e demandas e à densidade comunicacional, esse circuito pode desenvolver uma certa capacidade de organização dessas áreas menos valorizadas do meio construído urbano.

As atividades de produção de roupas no Brás e Bom Retiro iniciam-se com os libaneses e os judeus, posteriormente, na década de 70 os imigrantes coreanos incorporam essa atividade.

³ Gottmann (1975) distingue dois usos básicos do território: um como *abrigo* e outro como *recurso*, ou seja, pode se pensar o desenvolvimento do território de forma endógena, para o abrigo, ou pode-se pensar o território para o desenvolvimento das grandes redes de trabalho, de forma expansionista, isto é, como recurso. Santos (1997), desenvolvendo esses conceitos, afirma que antes o território era abrigo e era recurso, visto que as pessoas tiravam dele tanto a sua sobrevivência, quanto eram protegidos por ele. Todavia, ao longo da história houve a dissociação entre estes dois usos. Hoje o território está sendo preparado para a ação dos agentes hegemônicos, ou seja, este passa a ser visto e preparado como um recurso para as grandes empresas globais através da constituição das redes técnicas e através da normatização do território, que é seletiva e atende aos interesses do mercado. As pequenas e médias empresas, ainda usam o território como forma de sobrevivência, e por isso suas escalas de atuação não ultrapassam o lugar ou a região e têm com pouco respaldo do poder público.

Nos anos 80 e mais precisamente na década de 90, a imigração boliviana passa a constituir a principal fonte de mão-de-obra na produção, ficando os brasileiros e coreanos mais dedicados ao comércio.

O BRÁS E O BOM RETIRO NA HISTÓRIA TERRITORIAL DA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

O crescimento da cidade de São Paulo foi lento até o século XIX. São Paulo só se efetiva de fato como cidade dinâmica e com poder de centralizar *fixos* e *fluxos* com a cafeicultura e o sistema de transporte ferroviário. Esse sistema técnico concretizou a possibilidade de drenagem de recursos da *hinterland* desta cidade. O Brás e o Bom Retiro são bairros que acumularam parte dessa história territorial de São Paulo, além de condicionarem parte desse movimento.

A cafeicultura de meados do século XIX até 1930 promoveu a economia paulista. A industrialização veio a reboque. As primeiras fábricas são beneficiárias da acumulação de recursos do café. Ao mesmo tempo, a conjuntura internacional (a Guerra de Secessão, fez reduzir as importações do algodão brasileiro pelos Estados Unidos) favoreceu o barateamento da matéria-prima (algodão) para as fábricas têxteis em implantação na metrópole. Ademais, a imigração estimulada pelo Estado foi fundamental ao processo de industrialização e crescimento urbano de São Paulo.

O Brás e Bom Retiro nasceram como chácaras e tornaram-se bairros tradicionais importantes por terem sido abrigo da primeira fase da industrialização da cidade. A metropolização de São Paulo, baseada na expansão da área urbana, promoveu o processo de “deterioração” do meio construído do Brás e Bom Retiro, no entanto, esses bairros criaram na obsolescência a possibilidade profícua de abrigo de uma forte especialização produtiva. A “deterioração” do meio construído é parte do próprio fenômeno de modernização e expansão da cidade, pois, a modernização das atividades econômicas exige novos sistemas técnicos, juntamente a esse processo, agem os atores da especulação imobiliária, explicando o movimento intenso de obsolescência e abandono dos bairros na cidade de São Paulo.

Adriana M. B. da Silva (2001), baseado na periodização dos meios geográficos elaborado por Santos (1994), indica para a cidade de São Paulo três recortes espaço-temporais chaves para a formação e afirmação de sua centralidade no território brasileiro e de metrópole informacional. O período inicial compreende o final do século XIX até 1945; o período médio vai de 1945 a 1970/80 e o recente, compreendendo década de 80 ao período atual, cujo conteúdo confere o caráter de metrópole informacional. A migração dos “centros” da cidade de São Paulo revela o processo de valorização e desvalorização das áreas nos diferentes momentos geográficos. Primeiramente a área central (Sé e República) exerce a centralidade das atividades econômicas na cidade, período em que o café motiva a vida de relações na cidade; posteriormente, década de 1940 a 1970/80 a Avenida Paulista exerce o papel de símbolo da metrópole industrial e recentemente a avenida Luis Carlos Berrini e arredores (“vetor Sudoeste”) expressa o papel de São Paulo como centro dos objetos técnicos mais elaborados como redes de acesso fácil, prédios “inteligentes”, helipontos, redes de telecomunicações, condizentes com as necessidades de criação, distribuição e controle de informações (ADRIANA M. B. da SILVA, 2001), variável chave do período atual.

No *período inicial* da formação da metrópole, a vida de relações na cidade passou paulatinamente a ser animada pelo ritmo das acelerações técnicas do capitalismo industrial. São Paulo neste momento constituiu-se em centro mundial do comércio de café⁴, além de abastecer uma vasta região com inúmeros produtos manufaturados, tornando-se capital regional, esboçando seu papel de comando regional na hierarquia urbana. Adriana M. B. da Silva (2001) assevera que nesse período o território brasileiro encontrava-se em fase de mecanização: a produção agro-exportadora, as nascentes indústrias, juntamente com os sistemas de objetos que surgem (telégrafo e as ferrovias) conformam uma integração regional orientada por São Paulo.

⁴ Adriana M. B. da Silva (2001) lembra que, embora São Paulo fosse o centro comercial cafeeiro, esse era subordinado ao capital inglês e a cidade do Rio de Janeiro apresentava-se como o principal centro político do território nacional.

No período intermediário da formação da metrópole (1945 a 1970/80) é o momento que o Brasil conhece o fenômeno da expansão da industrialização, São Paulo concentra grande parte do parque industrial. Essa cidade afirmou-se como pólo acolhedor de modernizações do território nacional e, ademais, assume o papel de metrópole nacional, sendo a indústria o elemento dinamizador desse momento geográfico. Os investimentos na cidade se deram, sobretudo na circulação. O padrão rodoviário passa a predominar na paisagem da cidade, sendo o aumento do número de automóveis nas ruas o símbolo dessa nova etapa da metrópole.

Já na década de 1960 o BNH (Banco Nacional de Habitação) mostra-se com papel fundamental na expansão urbana e periferização do trabalhador. Os elevados investimentos em circulação, em grandes projetos habitacionais e as operações urbanas de renovação ativaram o ciclo vicioso de valorização urbana e expulsão dos pobres dos bairros centrais e mais antigos e, posteriormente, o certo abandono das áreas centrais para a função residencial e industrial.

A enorme expansão dos limites territoriais da área metropolitana construída, a presença na aglomeração de uma numerosa população de pobres e a forma como o Estado utiliza os seus recursos para a animação das atividades econômicas hegemônicas em lugar de responder demandas sociais conduzem à formação do fenômeno que chamamos de metrópole corporativa, voltada essencialmente à solução dos problemas das grandes firmas e considerando os demais como residuais (SANTOS, 2009).

Gradativamente reconhece-se que a metrópole informacional vai se configurando, conformando o *período recente*, em que São Paulo toma o controle do território via controle dos fluxos imateriais, sem deixar de depender da força dos fluxos materiais do processo de industrialização (SANTOS, 2009).

A informação passa a ser substrato para a aceleração do consumo e da ampliação da *mais-valia*, pois, é elemento de poder. Para Santos (1986, p. 127), “a informação é privilégio do aparelho de Estado e dos grupos econômicos hegemônicos, constituindo uma estrutura piramidal. No topo, ficam os que podem captar as informações, orientá-las a um centro coletor, que as seleciona, organiza e redistribui em função do seu interesse próprio”, sendo os demais incapazes de decodificar essas informações transmitidas pela grande mídia. Considerando o papel estratégico da informação hoje, a rede urbana passa por uma reorganização, segundo o poder de concentrar e redistribuir as informações. São Paulo compõe a inteligência informacional do território brasileiro, todavia, a “cidade abastada e a cidade pobre formam uma só cidade” (SANTOS, 2009, p. 14). O Autor ainda destaca que São Paulo, apesar do processo de desconcentração industrial, ainda continua concentrando parte das atividades industriais do país, o que lhe confere grande comando nacional.

Dentro dos grandes momentos territoriais da metrópole, o Brás e o Bom Retiro apresentam algumas especificidades, por isso identificamos alguns períodos significativos para a vida de relações desses bairros: **período dos “bairros das chácaras” (1850 a 1889)** – predomínio das chácaras e de uma vida marcada por elementos rurais; **período “dos bairros operários” (1889-1930)** – a industrialização (com base na indústria têxtil) e imigração consolidam o Brás e o Bom Retiro (entre outros) como bairros industriais e de residência de operários; **período da “decadência industrial” dos bairros (de 1930 a 1950)** – migração das indústrias para outros bairros e formação da especialização produtiva comercial em atividades de confecções; **período da consolidação da especialização no circuito espacial de produção de confecções (1950 a 1980)** – trazidas por imigrantes libaneses e judeus, as atividades de fabricação e comércio de vestuário foi reforçada pela forte migração dos nordestinos, em seguida há a ascensão dos imigrantes coreanos, estes assumem a lógica do período da globalização que se tornará dominante posteriormente – e **período da reorganização do circuito espacial de confecções (1990 aos dias atuais)** – a partir da década de 1990, os elementos da globalização também são incorporados no processo produtivo das empresas do circuito superior de confecção, reverberando nas atividades do circuito inferior. A ascensão da imigração indocumentada de bolivianos compõe esse novo período.

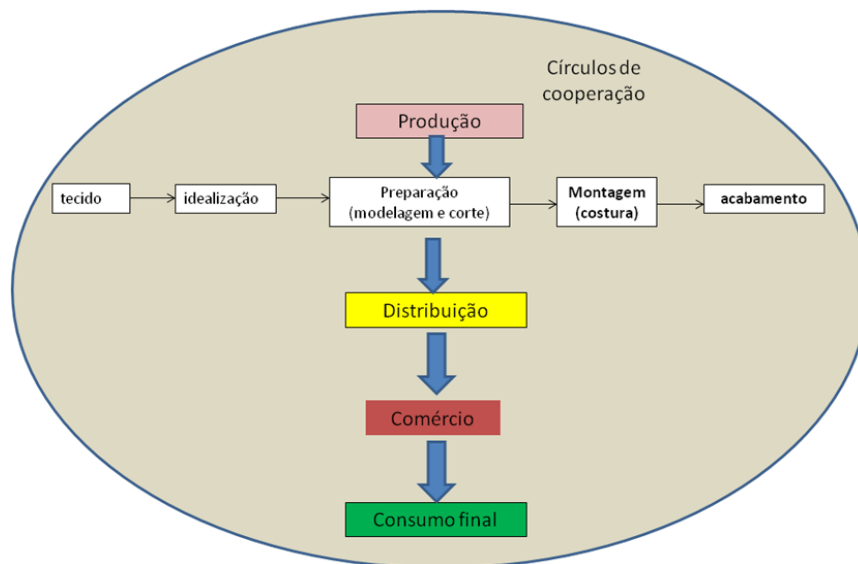
A década de 90 marca a reorganização da atividade de produção de confecção no Brasil. A globalização econômica se consolida e o Brasil abre suas fronteiras aos produtos têxteis e de

confecções, o que provocou a falência de algumas empresas e a reorganização do setor, bem como, a metrópole de São Paulo acolheu essas ações segundo a divisão territorial pretérita. O circuito espacial de produção de confecções da metrópole na atualidade apresenta uma clara divisão técnica do trabalho: circuito superior atua nas funções de concepção, propaganda, logística e comércio e o circuito inferior exerce as funções de produção, ou seja, as pequenas oficinas realizam a etapa da costura.

COMPOSIÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL DE CONFECÇÕES NA METRÓPOLE

Na Figura 01 esboçamos as principais etapas do circuito espacial de produção de confecção. Descrevendo brevemente esse circuito temos na fase da **produção** quatro grandes divisões: a idealização, em que há a necessidade de profissionais mais qualificados como os *designers* (responsáveis pela identificação de tecidos, modelos e tendências, esses em geral buscam inovações no mercado europeu), havendo certa predominância da atuação de empresas do circuito superior.

Figura 01: Esquema geral do circuito espacial de produção de confecções



Fonte: Autora, 2010

A outra fase da produção é a da preparação (modelagem e corte), em que os modelos são cortados e é feita a modelagem segundo a numeração.

A terceira fase do momento da produção é a costura. É a fase de maior exigência por mão-de-obra, pois se trata de uma função que ainda não foi substituída por máquinas, uma vez que exige certo refinamento dos movimentos executados pelas mãos. Além disso, a grande disponibilidade de mão-de-obra permite o barateamento nos custos de produção (a inserção da mão de obra boliviana análoga ao trabalho escravo tornou ainda mais barato o custo de produção na metrópole de São Paulo).

A quarta subetapa da produção é o acabamento, isto é, momento em que se verifica a qualidade das peças, corta-se os fios, lava-se, passa-se e embala-se, deixando o produto pronto para distribuição. A etapa da costura está, em grande medida, concentrada nos bairros centrais da cidade de São Paulo. Ainda que haja um movimento de desconcentração em direção à periferia, bairros como Brás e Bom Retiro ainda continuam executando a etapa da costura. Cerca de 30% das oficinas de costura cadastradas na Receita Federal (Entrevista realizada em 08/06/2010 na Superintendência Regional do Trabalho do Estado de São Paulo) estão localizadas nestes bairros. Na Fotografia 01 observamos retalhos de tecidos na rua Bresser, indicando a presença de produção no Brás, cena muito comum no bairro ao final do dia.

Fotografia 01: Rua Bresser no bairro do Brás em São Paulo



Fonte: Autora; Trabalho de Campo realizado em 22/05/2009

O momento da **distribuição** é complexo, pois muitas vezes confunde-se com o do comércio. A distribuição do produto pronto pode ser realizada diretamente pela oficina, que pode pertencer a um lojista; por uma grande empresa que detém a logística da distribuição, por exemplo, a varejista Lojas Marisa; ou mesmo ser realizada por pequenos transportadores que executam a ligação entre as oficinas e comércios.

O **comércio** é realizado pelas grandes varejistas do circuito superior (Marisa, C&A, Pernambucanas, Renner, Lojas do Shopping Mega Pólo Modas, entre outras) e pelos pequenos e médios comerciantes, pelos expositores da Feira da Madrugada ou mesmo pelas “sacoleiras” e lojistas que freqüentam os bairros do Brás (Fotografia 02) e Bom Retiro para efetuarem as suas compras. Esses últimos, abastecerem seus comércios nas cidades do interior do Brasil, ampliando os círculos de cooperação desse circuito produtivo.

Fotografia 02: Lojas do bairro do Brás em São Paulo



Fonte: Autora; Trabalho de Campo realizado em 21/06/2010

A Feira da Madrugada, que ocorre no Brás (Fotografia 03) de segunda a sábado, é um lugar de comércio intenso. Essa Feira atrai população de todo o Brasil, especialmente dos estados do Sul e Sudeste. É na Feira da Madrugada que encontramos muitos trabalhadores que exercem

atividades do circuito inferior, sobretudo aqueles comerciantes que possuem bancas nas ruas (a Feira divide-se em duas: a que ocorre no bolsão, em um espaço privado e a Feira das ruas do Brás, que termina suas atividades com o início do horário comercial das lojas).

Fotografia 03: Feira da Madrugada (ao amanhecer) nas ruas do Brás



Fonte: Autora; Trabalho de Campo realizado em 17/12/2010

O circuito não termina com o comércio nos bairros do Brás e Bom Retiro, uma vez que grande parte das mercadorias é consumida por lojistas, pequenos comerciantes e “sacoleiras”, assim sendo, as confecções serão revendidas em lugares distantes da cidade de São Paulo, trazendo uma renovação em uma das características que definem o circuito inferior, que antes era local, mas podemos dizer que hoje, com relação ao circuito espacial de produção de confecções na metrópole, a etapa do comércio e do consumo ultrapassa os limites da cidade de São Paulo, ganhando dimensões nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APORTES PARA COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO USADO

O circuito espacial de produção como categoria de análise da geografia permite uma análise do uso do território pelos diversos ramos de atividades, possibilitando a identificação dos agentes, dos fluxos e dos fixos que criam as especializações dos lugares. Essas especializações podem ocorrer no nível intra-urbano e também em escala regional, nacional ou global. Por isso os círculos de cooperação tornam-se fundamentais, pois conectam os momentos da produção até o consumo final, que hoje tende a ser planetário para determinadas atividades e determinados agentes.

O estudo do circuito espacial de produção de confecções da cidade de São Paulo, que a princípio revela uma produção circunscrita a certos bairros, permitiu a identificação de atores e a existência de nexos entre as etapas dos circuitos que ocorrem via círculos de cooperação. O Brás e Bom Retiro são lugares conectados ao mundo em função do circuito espacial de produção. Os agentes desse circuito como: os *designers*, os profissionais do *marketing*, os costureiros, os transportadores, as grandes varejistas de confecções – que atuam no país e no mundo –, as “sacoleiras” e os lojistas, oferecem elementos para análise dos *usos* que se faz do território, que se expressa por essa parcela da metrópole paulista.

Os imigrantes bolivianos portam uma força de subsistir gigantesca na metrópole. Sob a rotina de trabalho aviltante, esse grupo tem realizado a atividade produtiva mais árdua e menos rentável dentro do circuito produtivo, a costura. Além desse grupo, também encontramos no Brás e Bom Retiro uma grande densidade de transportadores que fazem a ligação entre a oficina e as Lojas, esses se encontram subjugados à produção e ao comércio, mas ao mesmo tempo constituem em atravessadores essenciais à sobrevivência da especialização do bairro, pois une tecnicamente as etapas do processo produtivo.

Os lojistas compõem-se de grupos extremamente heterogêneos, desde os mais capitalizados, em que podemos classificá-los como circuito superior como exemplo o Mega Pólo Shopping -

que juntamente com suas lojas de venda a atacado, oferece restaurantes, hotéis (com diárias mais baratas ao preço de R\$110,00), e heliponto aos seus clientes - passando pelos lojistas que apresentam características do *circuito superior marginal*⁵, que constituem a maior parte das lojas, inclusive essas, em grande parte, organizam-se em associações como a ALOBRÁS (Associação de Lojistas do Brás) que possui cerca de seiscentas lojas.

Para completar a complexidade da vida de relações que se dá nesta parcela da cidade de São Paulo, estão os expositores da Feira da Madrugada. Essa Feira ocorre sob duas formas: uma no bolsão, que é um empreendimento privado (autorizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo) e a outra ocorre nas ruas do Brás. Em geral, os vendedores das bancas de ruas da Feira são produtores das peças de roupas ou apenas comerciantes que encomendam suas peças diretamente nas oficinas. Segundo a secretária executiva da ALOBRÁS (entrevista realizada em 21/06/2010), há lojistas que abrem bancas na Feira para ganhar clientela, pois, segundo ela, o fato das mercadorias da Feira não pagarem impostos na venda os produtos são mais baratos, logo fica difícil as lojas competirem pelos clientes.

A outra gama de agentes presentes nestes bairros é a de consumidores compostos por famílias que vão às compras para suprir as necessidades de vestuário, lojistas do interior do estado ou do Brasil inteiro ou mesmo “sacoleiras” que revendem peças no modelo “porta a porta” na metrópole ou em alguma cidade do interior do estado.

Dessa complexidade de atores o conflito é evidente. Um dos mais comuns é a luta por pontos de venda entre os expositores durante a Feira da Madrugada ou entre os lojistas e os ambulantes que se estabelecem em frente as lojas.

É salutar verificar como a Prefeitura da cidade nega a existência dos diversos usos dessa parcela da cidade, que no limite, representa a criação de renda para um significativo extrato da população. População essa, cada vez mais diversa e portadora das racionalidades do período da globalização, como a mobilidade, fortemente verificado com os intensos fluxos de bolivianos à cidade de São Paulo. É inegável que há um dinamismo promovido pela especialização produtiva dos bairros citados, mas a vida de relações amplia-se para além dela. Escolas, parques, praças hoje convivem com a marcante presença de uma população nova para a cidade.

Embora, o circuito produtivo de confecções seja ativo para a criação de trabalho à população da metrópole, a Prefeitura não realiza trabalhos conjuntos com os diversos agentes que compõem o circuito. No máximo, fornece o policiamento ao bairro em parceria com a ALOBRÁS, policiamento esse que muitas vezes ocorre no sentido de impedir a Feira da Madrugada perdure ao amanhecer ou mesmo que os ambulantes se fixem em frente às lojas durante o dia.

Porém, a própria ALOBRÁS queixa-se da falta de diálogo com a atual gestão da Subprefeitura da Mooca. As necessidades da população que circula cotidianamente nestes bairros, embora considerados no Plano Regional Estratégico da Subprefeitura, são pouco contempladas pela concretização de obras e normas que visem melhorar a vida da verdadeira *nação homem ativa* (SANTOS, 1999).

Outro elemento importante, que é salutar, é a renovação do conteúdo territorial desses bairros, embora a especialização perdure, ela se dá por meio do uso de uma mão-de-obra imigrante e sob uma dada organização da empresarial, que cada vez mais transfere a produção propriamente dita para o circuito inferior, deslocando-se a atuação para o comando das atividades de circulação, publicidade e comércio.

Para finalizar destacamos que o *território usado* não é passível de ser estendido como uma entidade homogênea que recebe o tempo do mundo com sincronismo. Os usos são acolhidos nos lugares porque esses oferecem possibilidades de acolhimento dos mesmos. Os bairros de Brás e Bom Retiro, em função de terem acolhido fixos (linhas de metrô, de trem, de ônibus e da antiga hospedaria dos imigrantes) receberam um enorme contingente de fluxos de pessoas

⁵ O circuito superior marginal (SANTOS, 2004) representa um circuito superior em decadência, isto é, com características residuais do subsistema superior ou um circuito inferior ascendente, que começa a agregar as formas de organização e de capital do circuito superior.

que trouxeram a atividade da costura e de comércio de confecção para esses bairros. A imigração boliviana parece ter sido a renovação mais proeminente nos bairros dos últimos vinte anos. Com eles, parece-nos que veio a incompreensão de que a metrópole de São Paulo agora é mais sul-americana que antes.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, R. A. Dinâmica regional e circuitos espaciais de produtos agrícolas no Brasil. In: **Anais do VI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**. Fortaleza, 2005. p. 01-10.

GEORGE P. **A ação do homem**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

GOTTMANN, Jean. "The Evolution of the concept of territory". In: **Social Science Information**, Vol. 14, No. ¾, 1975. p. 29-47.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins fontes, 2ª edição, 1983.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. "Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio." In: **Aportes para el estudio del espacio socio-económico III**. Yanes, L. e Liberali, A. M., (orgs.). Buenos Aires, El Coloquio, 1991. p.153-177.

SANTOS, Milton. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois subsistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais. **Boletim Paulista de Geografia**, 5, fevereiro, p. 35-60, 1977.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: Barrios, Sônia (org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p.121-134

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec: São Paulo, 1988.

_____. **Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2009 [1990].

_____. **A natureza do espaço – técnica e tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

_____. Da política dos estados à política das empresas. **Cadernos da Escola do Legislativo**. Belo Horizonte, 1997.

_____. Nação Ativa, Nação Passiva. In: **Folha de São Paulo**, 21/11/1999.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Adriana Maria Bernardes. **A contemporaneidade de São Paulo. Produção de Informações e reorganização do território brasileiro**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH- USP, 2001. 283f

SILVEIRA, María Laura. Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades. In: **Cuadernos del CENDES**. Año 25, n° 69, tercera época, p. 01-19, septiembre-diciembre, 2008.

_____. Região e Globalização: pensando um esquema de análise. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 74 - 88, jan./abr. 2010.